

Nuno Portela, “capitão” da equipa e com três subidas de divisão pelo Santa Clara

“Não é fácil ficar 11 anos num clube”

Chegou ao Santa Clara em 1997, com 22 anos de idade. Tinha estado um ano no Portimonense, por empréstimo do Vitória de Setúbal, onde fez toda a formação.

A equipa do Santa Clara estava pelo segundo ano seguido na 2.ª divisão nacional, após a conquista da série Açores da 3.ª divisão dois anos antes.

De emprestado a definitivo, no Santa Clara ficou 11 anos. Além das qualidades como jogador de futebol (lateral direito), Nuno Portela demonstrou uma qualidade humana impar de grande seriedade, com grande carácter, de elevada responsabilidade e de um profissionalismo incontestável.

Não foi por acaso que foi o “capitão” da equipa do Santa Clara, mas hoje não é recordado, como outros, como deveria sê-lo. Natural de Setúbal, para onde voltou há 8 anos, tem no coração a ilha de São Miguel e os Açores. Por aqui casou e por aqui nasceram os dois filhos. Nenhum seguiu as pisadas do progenitor no futebol.

A ligação aos Açores é tão forte que no endereço electrónico tem o nome de Azores. Visita as ilhas de São Miguel e de Santa Maria, de onde a esposa é natural, com alguma regularidade.

Nuno Portela, hoje com 42 anos de idade, desligado do futebol, acabou a carreira no Capelense. Uma saída do Santa Clara que não agradou a muitos associados do clube porque não mereceu o respeito que lhe é devido.

Com três subidas de divisão no currículo pelo Santa Clara, fomos ao encontro de Nuno Portela. Recordar as anteriores subidas, falar de si e do futebol.



Por: João Patrício

No passado dia 23 de Maio comemoraram-se 20 anos sobre a primeira subida do Santa Clara à 2.ª Liga. Lembrou-se no dia?

Sinceramente não me lembrei no dia. Sei que foi no final de Maio, mas o dia exacto não me recordava. Mas lembro-me claramente dessa subida. Foi um momento marcante para todos nós.

Que recordação lhe trouxe o jogo decisivo em Câmara de Lobos e a recepção em Ponta Delgada dois dias depois?

Foi um jogo bastante intenso. Também na Madeira jogava o Oriental, que estava em 2.º lugar e sabíamos que estava a ganhar, logo só a vitória nos interessava. Estávamos empatados 1-1 já perto do final e continuávamos à procura da nossa sorte. Foi então que numa jogada brilhante, em cima do tempo regulamentar, marcámos o 2.º golo. Foi uma grande alegria que nos inundou. Naquele jogo jogava-se toda uma época.

Ali, naquele momento, tivemos a competência, a sorte e a perseverança de ir em busca daquilo que nos fazia felizes e a todos



Nuno Portela desligou-se do futebol, mas foi um dos estílios das equipas do Santa Clara (DR)

aqueles que sempre nos apoiaram e acreditaram na equipa.

Nunca pensámos que iríamos ter a recepção que tivemos. Lembro-me que demorámos duas horas entre o aeroporto e as Portas da Cidade, sempre com muitos simpatizantes a saudarem-nos no caminho, tal como uma grande caravana de carros que nos levou ao centro de Ponta Delgada. Nas Portas da Cidade estava uma multidão à nossa espera. São momentos e lembranças que por mais tempo que passe jamais esqueceremos.

“Pele de galinha”

Esteve também nas duas subidas à 1.ª Liga. A primeira será inesquecível. Qual a maior recordação daquela dia que o Santa

Clara ao ganhar, por 4-3, ao Desportivo das Aves, assegurou a promoção quando já passaram 19 anos?

Foi outro dia inesquecível. Lembro-me que pernoitámos no hotel da praia em Água de Alto, perto de Vila Franca do Campo. Estávamos tranquilos pois dependíamos de nós e até o empate chegava para subirmos de divisão.

Quando subimos da Calheta para o Estádio de São Miguel começámos a ver muitos carros parados na berma da estrada. Sabíamos que iria estar bastante gente no estádio, mas quando chegámos, duas horas antes do jogo, e vimos que o estádio estava quase cheio, ficámos todos com “pele de galinha”. Era um barulho ensurdecedor. Penso que se falou em cerca de 25.000 espectadores.

Na altura sentimos um aumento imenso de adrenalina, queríamos que o jogo começasse o mais rápido possível.

Começou bem o jogo e chegámos rapidamente aos 3-0, indo para o intervalo com 3-1. Na segunda parte o Desportivo das Aves ainda chegou a empatar o jogo e se nos ganhassem subiriam eles. Também já perto do final fizemos o quarto golo e ganhámos por 4-3.

Quando acabou o jogo foi a loucura entre os jogadores, treinadores, massagistas, médicos, roupeiros, colaboradores, dirigentes e massa associativa. Foi o concretizar de um sonho a que os dirigentes da Santa Clara se propuseram e que todas as partes o realizaram.

E a segunda subida, com o triunfo por 2-1 sobre a Académica, foi diferente?

Sim, foi diferente. Ao contrário da primeira subida, só no último terço do campeonato assumimos oficialmente que estávamos na luta pela subida de divisão. Nesse ano éramos claramente favoritos a subir e estivemos grande parte do campeonato em 1.º lugar. Fizemos a maioria dos pontos em casa, onde acho que só cedemos um empate. Foi com alguma naturalidade que subimos de divisão.

Jogar no principal campeonato português foi um sonho que concretizou?

Claro. Penso que todos os profissionais têm como objectivo ou gostariam de jogar no mais alto palco do futebol Portu-

Ligado ao ambiente

E agora, o que é feito de si? Onde mora, o que faz?

Neste momento vivo na minha cidade natal, Setúbal. Depois de sair dos Açores comecei a trabalhar numa empresa em Setúbal de nome Citri. Neste momento, a empresa cresceu e pertence ao Grupo BLUEOTTER, um grupo que se encontra em claro desenvolvimento. Estou inserido numa empresa na área do Ambiente, jovem, dinâmica e ambicio-

sa, que se assume como um modelo neste mercado. Trabalhamos no ramo dos resíduos industriais, com a perspectiva de iniciar novas unidades de negócio, dentro daquelas que são as melhores práticas de preservação do meio ambiente, como é o caso da compostagem. Uma empresa virada para o futuro, onde existe uma grande margem de progresso interna e externamente. Sou neste momento encarregado/ coordenador de operações na empresa.

“Reconhecimento de 11 anos no Santa Clara? Tenho dos adeptos”



“O Santa Clara e os momentos que eu passei ficaram marcados para o resto da vida”

guês.

Esteve no Santa Clara nos bons e nos maus momentos. Foram momentos complicados após a segunda descida da 1.ª Liga?

Sim, é verdade. Na minha opinião fez-se uma grande aposta que não correu bem. A equipa tinha bastantes jogadores com imensa experiência de 1.ª Liga, mas não foi o suficiente para manter a Santa Clara entre os grandes do futebol português. Ao mesmo tempo os encargos subiram e não houve retorno, o que originou situações bastante complicadas no clube.

“Não fiquei indiferente”

Onze anos no clube são marcantes. Foi “capitão” da equipa. Acha que não houve e não tem havido o devido reconhecimento pela carreira que teve no Santa Clara?

Olhando para trás, reconheço que não

é fácil um jogador estar onze anos num clube de futebol. É praticamente a carreira quase completa enquanto jogador de futebol. Fui capitão de equipa com muito gosto e responsabilidade e sentia que o cumpria com o respeito que o clube me merecia.

Quanto ao reconhecimento, tenho-o das vezes que vou a São Miguel e reencontro sócios, simpatizantes e amigos.

O Santa Clara subiu esta época à 1.ª Liga. Qual o sentimento que teve?

Senti uma grande alegria. O Santa Clara e os momentos que eu passei ficarão marcados para o resto da vida. Não poderia ficar indiferente a esta grande conquista.

Aproveito para dar os parabéns a todos os que contribuíram para este grande feito do clube.

Recordo-me que esteve a estudar na Universidade dos Açores. Sentiu que era necessário ter uma garantia quando terminasse a carreira de jogador? O curso serviu para o futuro?

Claro que sim. O saber não ocupa espaço. Sendo jogador ou tendo outra profissão qualquer, um “upgrade” no conhecimento só enriquece a pessoa. Tendo a teoria, esta aplica-se a uma prática que se vai melhorando com o decorrer do tempo e com a maturidade.

É um conselho para quem está no futebol: ter uma ocupação profissional quando a carreira terminar?

Certamente, pois só uma pequena per-



centagem de jogadores de futebol ganham o suficiente durante as suas carreiras para os sustentar para o resto da vida.

O seu endereço electrónico tem o nome Açores. Porque mantém Açores?

Ficará para sempre ligado a mim e à minha família.

“Futebol hoje é comida estragada”

Sei que não tem acompanhado o futebol com regularidade. Fartou-se ou toda esta envolvimento, esta guerra fora do campo dececionou-o?

Sim, é verdade. Um pouco das duas. Sabe que jogar no Santa Clara não é o mesmo que jogar num clube do continente. Sofre-se um grande desgaste, não só físico como psicológico, em toda a logística, principalmente nos jogos fora.

Hoje em dia parece-me que o futebol não

é para os “apaixonados da bola” e sim para os “entendidos da bola”.

Na altura em que jogou não havia tanta porcaria como há hoje?

Sem dúvida. Hoje em dia come-se futebol todos os dias e a maior parte das vezes é comida estragada. Há muitos “entendidos da bola” que nunca deram um pontapé numa bola, ao ponto dos verdadeiros comentadores de futebol serem preteridos porque não “vendem”, pois apenas falam de futebol.